

**Henry Thorau**

**A CIDADE NA CABEÇA.  
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES  
SOBRE O ENSAIO *ENIGMA* DE IVAN ÂNGELO  
E ALGO MAIS**

A constatação de Ivan Ângelo que "não se escreve mais ficção sobre São Paulo", é uma constatação dura que ao mesmo tempo resulta de uma visão particular.

Não devemos esquecer: Ivan Ângelo é um dos autores que não só comenta o problema que não é mais possível escrever o grande romance sobre a grande cidade, mas um autor que problematiza o ato de escrever em si, pelo menos em *A Festa* (1976).

Nessas suas auto-reflexões ele não se encontra sozinho, se pensarmos por exemplo em Silviano Santiago e seu romance *Stella Manhattan* (1985).

Mas Ivan Ângelo vai mais longe:

Sou consciente de estar vivendo num momento de obscurantismo de Literatura, um daqueles períodos estéreis de que a História não guarda nada e sei que é inútil escrever qualquer coisa, participante ou não, que tudo sairá uma bosta e se perderá na noite da História. (*A festa*, p. 123)

Então, devemos ter cuidado: o problema que Ivan Ângelo focaliza desde os anos 70 é o problema genuíno dele como escritor, e não necessariamente dos outros escritores, se pensarmos por exemplo em Ignácio de Loyola Brandão.

Na obra dele, temos o que chamamos o romance sobre a grande cidade, e não só um: Temos

- *Bebel que a cidade comeu* (1968, com seu título alusivo desde Bebel que foi destruída pela cidade, 'Babel' que destrói a cidade, mas também a mulher que "devora" os homens dessa cidade e vice-versa).

- *Zero* (1975, um romance que eu considero - me refiro não a Clarice Lispector, mas a Stefan Zweig - uma das "horas de estrela" da literatura desse século, expressão brasileira genuína de uma época como foi *Berlin Alexanderplatz* (Alfred Döblin) para Alemanha dos anos 20 e *Manhattan Transfer* (John dos Passos) para os Estados Unidos dos anos 20).
- *Não verás país nenhum* (1982, romance sobre São Paulo em estado final no século 21).

Agora temos que ver as razões, a causa daquilo que leva à constatação de Ivan Ângelo.

O fato de que o paulistano não consegue "separar os papéis de colonizador e colonizado, de explorador e explorado que convivem nele" - isso é para Ivan Ângelo um dos "impasses paralisantes".

Aquilo que Ivan Ângelo chama de um "impasse", é uma questão de posição, de ponto de vista, maneira de observação, de pensamento negativo ou positivo.

Vou mais longe: o "impasse" pode ser uma vantagem. Esse conflito entre duas ou várias realidades pode transformar-se em fundo rico para a criação. Talvez não se trate em separar os papéis, mas em aceitar e explorar essa convivência, esse estado meio esquizofrênico. Chegar às fronteiras internas, pular em cima dos muros internos e olhar para todos os lados, para cima e para baixo em vários estados da mente, isso tudo pode ser uma grande vantagem.

Walter Benjamin escreveu nos seus famosas *Städtebilder* (Imagens de cidades): "Mais rápido do que Moscovo se conhece em Moscovo Berlim". Nesse sentido talvez se possa dizer: mais rápido do que o colonizado se conhece no colonizado o colonizador.

Então, os olhos do colonizado-colonizador poderiam ver tanto melhor as contradições dos diversos introjetos, da grande cidade - real - e da cidade na cabeça - não menos real.

É claro, aqui também se toca o papel, a tarefa do escritor na sociedade, ligados a seu problema de identidade, produto de um certo momento histórico.

Ivan Ângelo pertence a uma geração de escritores que Loyola Brandão chamou - na sua fala típica - de "geração fodida dos anos 70", geração que viveu uma ditadura, em que a literatura e os literatos foram perseguidos, sufocados, foram forçados àquilo que Bertolt Brecht chamou de "Sklavensprache" (língua de escravos).

Hoje encontramos-nos no ano de 1990. Mas o que continua na nossa época - e se transformou em outras razões e imagens -, é o terror na cabeça, a cidade na cabeça.

Se falarmos da literatura sobre a grande cidade contemporânea, temos - apesar de todas as metas objetivas - que focalizar o problema da interação do escritor com a cidade dentro da sua cabeça, interação direta e indireta.

Temos que interessar-nos em como e em que sentido ela, a grande cidade, vira objeto de observação, metáfora (tanto pela asfixia - também política - como pela esperança), interlocutor em toda sua polifonia, campo de batalha no cenário dentro da cabeça do escritor - como e em que sentido ela vira sujeito e começa a dominar o escritor - se falarmos da perspectiva do escritor - ou a dominar a personagem - se falarmos da perspectiva da personagem.

Eu disse: dominar. Se pensássemos em Georg Heym e seu poema *Der Gott der Stadt* (O deus da cidade) poderia dizer ameaçar, esmagar direta ou indiretamente.

Se Ivan Ângelo diz que nos contos que ele escreveu, "a cidade não tem nelas uma presença dominadora, forte", ele diminui, rejeita (no conceito freudiano de "Verdrängung") uma problemática ampla. Essa suposta "não-presença" pode ser exatamente a expressão de uma interação forte, uma presença até muito dominadora da cidade "comedora de gente", quando não mais o escritor devora a ela, mas ela devora a ele, visível e invisivelmente.

A literatura dos últimos anos - não só paulistana, mas também carioca - está cheia de imagens ou de signos de angústia, neurose, paronóia, "idéés fixes", psicóse e ... tendências de fuga (real) - resultado de uma presença dominadora da cidade.

Talvez seja esta a expressão da grande cidade neste momento histórico. Mas quais serão as perspectivas? Ivan Ângelo vê como impasse também o fato, de que "o escritor não escreve sobre os ricos". Acho muito bem, que não escrevam, se isso fôr mesmo assim!

De outro lado, estou de acordo com Ivan Ângelo, quando ele diz: "Chega de estética ideológica, tipo Peceção. É preciso ir lá no fundo, ver como é para contar".

Considerando importante outra observação de Walter Benjamin - "Quanto mais nos afastamos do centro, mais política se torna a atmosfera" (*Imagens da cidade*) -, uma das perspectivas de futuras descrições da grande cidade podia ser não só o romance sobre o subúrbio e a favela, mas a entrega dos meios de produção aos desfavorecidos, para que eles mesmos escrevam o grande romance da sua grande São Paulo, do centro da periferia.